



SAÚDE

Pesquisa da Confederação Nacional de Municípios (CNM) alerta que 64,7% das prefeituras relataram a ausência de imunizantes em seus postos de saúde. Segundo a entidade, o ministério da Saúde não repassou o produto

Vacinas em falta nos municípios

» VITÓRIA TORRES*

Marcelo Camargo/Agência Brasil



O Brasil enfrenta um cenário preocupante de escassez de vacinas, é que mostra o levantamento levantado da Confederação Nacional de Municípios (CNM). Segundo a pesquisa, realizada entre os dias 2 e 11 de setembro de 2024, 64,7% dos municípios brasileiros relataram falta de imunizantes, principalmente aqueles destinados às crianças.

Na avaliação da confederação, essa situação coloca em risco a vida de milhares de pessoas e pode gerar um aumento na mortalidade infantil. A pesquisa, que contou com a participação de 2.415 municípios, revelou que alguns enfrentam a ausência de determinados imunizantes há mais de 30 dias, enquanto outros relatam falta de vacinas por mais de 90 dias. A situação mais grave é a falta da vacina contra Varicela, utilizada para prevenir a doença, popularmente conhecida como catapora, em crianças de quatro anos, com desabastecimento em 1.210 municípios. Além disso, 770 municípios relatam a falta da vacina contra a covid-19 para crianças, uma ausência que já persiste há cerca de 30 dias.

O presidente da CNM, Paulo Ziulkoski, alerta para a gravidade da situação. “É importante lembrar que a vacinação foi um dos eixos do desfile de 7 de setembro deste ano. Apesar disso, o que verificamos, infelizmente, foi a falta de imunizantes essenciais há mais de 30 dias na maioria das cidades pesquisadas e ainda o risco de retorno de doenças graves, como a paralisia infantil”.

O cenário atual não é apenas alarmante pelos números, mas também pelo risco de retorno de doenças que já haviam sido

Segundo a CNM, os municípios estão sem vacinas contra doenças como sarampo, catapora e hepatite. Crianças são as mais prejudicadas

eliminadas no país, como o sarampo, e outras que correm o risco de reintrodução, como a paralisia infantil. A baixa cobertura vacinal, combinada com a distribuição irregular de doses, abre espaço para o ressurgimento dessas doenças, que podem causar complicações graves e até a morte.

Outros imunizantes, que também estão em falta nos municípios, incluem a Tetraviral, que protege contra o sarampo, caxumba e rubéola, ausente em 447 municípios; a vacina contra a Hepatite A, em falta em 307

municípios; e a DTP, que combate a difteria, tétano e coqueluche, com escassez em 288 municípios. A falta desses imunizantes deixa crianças vulneráveis a doenças que, em muitos casos, poderiam ser prevenidas facilmente.

O levantamento da CNM revela também que o estado de Santa Catarina é o mais afetado, com 83,7% dos municípios relatando falta de imunizantes. Pernambuco aparece em segundo lugar, com 80,6%, seguido pelo Paraná, com 78,7% dos municípios enfrentando

desabastecimento. Regionalmente, o Sudeste concentra o maior número de municípios afetados, com 68,5% relatando a falta de vacinas, seguido pelo Sul e Nordeste, ambos com 65,1%, e o Centro-Oeste, com 63%.

No Norte, a situação é relativamente melhor, com 42,9% dos municípios apresentando falta de imunizantes, mas o problema permanece grave em nível nacional. A irregularidade na distribuição de vacinas compromete a capacidade dos entes públicos de garantir que a população,

principalmente as crianças, seja imunizada.

Além de deixar crianças expostas a doenças que poderiam ser prevenidas, o desabastecimento afeta diretamente os índices de mortalidade infantil, que há décadas vinham sendo reduzidos graças a programas de vacinação. O risco de que doenças erradicadas voltem a circular representa um retrocesso histórico e um desafio para o Sistema Único de Saúde (SUS), segundo o infectologista Hemerson Luz.

“Felizmente, o Brasil saiu da



Quando se imuniza uma criança, além de diminuir o risco de adoecimento dela e da sua faixa etária, garante o nível de imunidade da comunidade no futuro”

Dalcy Albuquerque Filho, infectologista

lista dos países com mais crianças não vacinadas do mundo. Há dois anos, estávamos na vigésima posição. Outras vacinas que não apresentam bons índices são a vacina contra tuberculose e hepatite B, que tem apresentado uma baixa cobertura vacinal na última década”, disse.

Já o infectologista Dalcy Albuquerque Filho, defende que a vacinação é mais do que uma proteção individual de doenças. “Quando se imuniza uma criança, além de diminuir o risco de adoecimento dela e da sua faixa etária, garante o nível de imunidade da comunidade no futuro. Sempre que a cobertura vacinal diminui aumenta a possibilidade de casos de doenças reduzidas ou eliminadas voltarem. A falta de imunizantes é sempre ruim, pois, além de diminuir o número de vacinas aplicadas, contribui para a baixa cobertura e frustra a população”.

*Estagiária sob a supervisão de Edla Lula

EDUCAÇÃO

Por uma escola antirracista

» GABRIELLA BRAZ

Tamara Vizioli se orgulha ao falar da própria trajetória. Arquiteta e neurocientista, ela é convicta do caminho que a levou aonde está hoje: o da educação. Ainda assim, as recordações revelam obstáculos comuns a milhões de estudantes negros no país.

“Na escola, tinha xingamentos, falavam do meu cabelo”, recorda-se. “Depois, eu fui para a vida adulta e não conseguia emprego, não queriam dar para uma mulher negra um emprego diferente de empregada doméstica”, diz. Hoje, Tamara é mãe do Miguel, de 14 anos, e acredita que essa nova geração é mais acolhedora com a diversidade, o que a dá a esperança de que o filho não vá encontrar as mesmas dificuldades no mercado de trabalho e na escola.

A professora Gina Vieira Ponte, fundadora do projeto Mulheres Inspiradoras, explica que a maior entrada de pessoas negras na universidade mudou o cenário educacional e socioeconômico

Arquivo pessoal



Tamara Vizioli é mãe de Miguel: mais diversidade na sala de aula

nos últimos anos. “Durante muito tempo, a escola particular tinha uma hegemonia de pessoas brancas. Os alunos negros que estudavam eram bolsistas. Hoje, há pessoas negras que conseguem estudar, fazer mestrado, doutorado”, explica.

Essa maior ocupação exige novas políticas das escolas particulares, mas não só delas. A Lei nº 10.369, de 2003, prevê a inclusão e obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira no currículo das escolas. Ou seja, a promoção de uma educação antirracista já é lei, e agora se torna mais importante do que nunca.

Formação

Mas o que faz uma educação antirracista? Para Gina Vieira — e outros especialistas — não se trata apenas de celebrar datas como o Dia da Consciência Negra, o que ela chama de “pedagogia de eventos”, mas, sim, de colocar a diversidade étnico-racial em todo o plano didático. Isso começa, segundo a especialista, pela formação adequada dos educadores, trabalho que ela exerce há quase dois anos, quando se aposentou da rede pública de educação do DF.

“Não é raro, durante as

formações, eu ouvir de professores falas do tipo: ‘Eu não sei por que que você está falando isso, você está incentivando que há povos diferentes, nós somos um só povo’. Veja a lacuna na formação desses profissionais da educação”, comenta.

Mas algumas coisas têm mudado e, para a professora, as unidades de ensino têm despertado para a necessidade de falar sobre o tema. “Acho que temos avanços a comemorar, porque saímos da situação em que o racismo estava tão naturalizado que as pessoas sequer denunciavam”, comenta. “Hoje, quando vemos essas

situações de racismo sendo reportadas, elas são um excelente termômetro de como a percepção das pessoas mudou, porque, quando veem essas notícias, elas ficam chocadas.”

Tamara também tem percebido a mudança na escola particular onde o filho estuda. Durante uma palestra na instituição sobre o tema, ela se emocionou ao ver o quanto outros pais demonstraram interesse. “Mesmo que a escola tenha poucos alunos negros, ou mesmo se não tiver nenhum, o assunto precisa ser falado, porque a diversidade está aí e precisamos celebrar.”

Para ler mais

Você pode aprender mais com obras de diversos estilos e para todos os tipos de público. A professora Gina Vieira separou algumas indicações

Com qual penteado eu vou?

Da escritora Kiusam de Oliveira, é um livro infantil que celebra a diversidade e a beleza de cada criança. Na narrativa, os bisnetos de Seu Benedito homenageiam o bisavô escolhendo penteados para usar na festa de 100 anos dele. A autora tem ainda outras obras infantis que valorizam a beleza negra, como o livro *O black power de Akim*.

História preta das coisas

História preta das coisas: 50 invenções científico-tecnológicas de pessoas negras é um livro para celebrar inventores negros com contribuições essenciais desde o início das civilizações, como o calendário e o papiro, até as mais recentes, como a vacina contra a covid-19 da Pfizer. A autora é Bárbara Carine Soares Pinheiro.

Dispositivo da racialidade

Uma das obras mais consagradas da filósofa Sueli Carneiro, *Dispositivo de racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser*, traz uma interpretação sob uma perspectiva filosófica, de como a identidade e a intelectualidade de pessoas negras foi negada ao longo da história.

Especial

O Correio deu a largada para o especial que, todos os anos, mostra esse e outros temas relevantes do mundo da educação para ajudar na importância da trajetória escolar de seus filhos. O especial *Escolha a escola do seu filho* chega à 18ª edição com podcasts, vídeos e reportagens para ajudar na escolha. Confira no site especial, pelo link escolhaescola.correio-braziliense.com.br e também na edição impressa e digital, amanhã.